



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

VÁRIAS SEMENTES BOAS NUMA SÓ: PROSA SOBRE SOM DAS BINHA

Alexandra Martins Costa

(Universidade Federal da Bahia)

Resumo: A partir da necessidade de investigar a produção coletiva de mulheres dentro do campo musical, tomando como base as epistemologias feministas, se pretende analisar de que forma iniciativas como Som das Binha se constituem como espaços de mobilização e fortalecimento de uma cena musical feminina silenciada pelas estruturas sociais de opressão. A partir de uma reflexão que parte de leituras feminista, etnomusicologia feminista, compreende-se essas ações como estratégia de retroalimentação e criação de uma rede de compartilhamento e saberes no qual as compositoras se constituem enquanto um local político de poder. Trazer as mobilizações para o centro da reflexão, enquanto prática coletiva, nos dá margem para pensar como a autogestão é um importante instrumento de uma produção poética-sonora, em que se busca uma proposta alternativa à invisibilidade e ao silenciamento de mulheres enquanto criadoras. Desmistificando o mito das mulheres enquanto concorrentes e em constante disputa e como mostrar a musicalidade como prática ativista e como local de fala e ação política. Este tema é de grande relevância pois há um abismo que separa as musicistas do papel de compositoras pois dificilmente as mulheres são pensadas enquanto pessoas que criam.

Palavra-chave: Estudos Feministas, Etnomusicologia Feminista; Compositoras

INTRODUÇÃO

O presente artigo é uma parte da dissertação de mestrado elaborada dentro do programa Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares em Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM). A iniciativa surge da necessidade de chamar atenção para as dinâmicas estratégicas das compositoras de Salvador que se autorganizam em coletivos, em busca de um reconhecimento no meio musical da cidade. Para tanto foi utilizado o questionário “Feminaria musical ou epistemologias feministas em música no Brasil 3: das experiências etnográficas”, produzido pela Feminaria Musical em compositoras que iniciaram a carreira na cidade de Salvador. Além de terem sido feitas análises etnográficas, registros fotográficos e

audiovisuais de algumas das mobilizações que essas profissionais organizam e participam.

No entanto, no presente documento será abordado uma parte da investigação que tem como objetivo analisar algumas das estratégias de ativismo realizado pelo Som das Binha, primeira JAM do Brasil formado unicamente por mulheres.

Procurou-se investigar como a auto-organização das compositoras acontece e adquire potencialidade discursiva musical poética e política; Como as iniciativas Som das Binha auxilia no trabalho artístico das compositoras e como se aproxima das epistemologias de feminismos interseccionais e identificar como esse encontro de mulheres



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

são iniciativas potente para a cena musical de Salvador, mas também para as próprias compositoras.

É fato que a falta da publicidade e representatividade de autoras na música acaba por desestimular outras mulheres a se enveredar por esse ofício, mantendo o status quo vigente neste meio, o que por sua vez reforça e embasa mitos de incapacidades femininas como instrumentistas, regentes, arranjadoras e compositoras.

Esta temática é de grande relevância, pois há um abismo que separa as musicistas do papel de compositoras, pois dificilmente as mulheres são pensadas enquanto pessoas que criam. No máximo, no papel de cantoras ou instrumentistas. Na pesquisa “Feminaria Musical III: o que (não) se produz sobre mulheres e música no Brasil nos anais dos encontros das associações musicais brasileiras e seminários interdisciplinares sobre os estudos de gênero”¹, constata-se que

no universo de mais ou menos 4.500 trabalhos, apenas 38 dialogavam com a nossa abordagem. Já nos anais específicos dos encontros sobre gênero e feminismo de um total de 61 trabalhos sobre o tema, 22 apresentaram a articulação proposta pela

nossa pesquisa, de construção de epistemologias feministas numa abordagem interseccional. (ROSA, 2016, p.3727)

Percebe-se que há uma urgência de se ocupar a produção de conhecimento sobre mulheres e músicas, trazendo as perspectivas e epistemologias feministas, ancorada nos discursos de quem está avante na construção dessas iniciativas. Essas falas são de importante valor pois evidencia-se a música como campo de protagonismo desses grupos que, diante de uma maior consciência sobre direitos, têm se organizado e requerido seus espaços de mobilização respeitando-se as especificidades de cada grupo.

Compreende-se a música como um espaço de fala constituído dentro de um campo simbólico mais amplo, com aspectos simbólicos, imaginários e ideológicos na expressão e produção das identidades por meio da caracterização dos códigos de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração ou classe social. Um encontro de signos, um lugar vivo, de trocas e conflitos, de extensões de desejos e opiniões.

¹Iniciativa que consiste na continuação da pesquisa anterior “O que (não) se produz sobre música e mulheres no Brasil nos Anais dos encontros das associações musicais brasileiras” Foi levado em consideração as mesmas metodologias com uma

diferente abordagem, visto que, o foco da análise atual está voltado para os encontros feministas e de gênero, especificamente.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Cãmarã

METODOLOGIAS INTERDISCIPLINARES

Como metodologia construiu-se um estudo qualitativo exploratório onde num primeiro momento foi feita uma pesquisa aprofundando a bibliografia sugerida a cima. Em paralelo foi feito um levantamento de material documental para análise a partir da utilização de entrevistas e registros (textuais, fotográficos e de vídeos) disponibilizados pelo campo e produzidos pela própria pesquisadora.

Faz-se necessário refletir sobre a música em sua complexidade que carrega histórias de sonoridades, materialidades, intenções e necessidades dos grupos sociais. Portanto, o presente projeto está ancorado num percurso interdisciplinar que passeia entre os estudos da Etnomusicologia, como: Laila Rosa, Ruth Finnegan, Susan McClary, Anthony Seeger e Tiago de Oliveira Pinto. Leitura de autoras que discorrem questões de Gênero, Raça a partir de uma lógica de Feminismo Interseccional, como: Gloria Anzaldúa, Kimberlé Crenshaw Audre Lorde, Sueli Carneiro. Também se torna importante incluir reflexões sobre dinâmicas artísticas coletivas como vem sido feito por Claudia Paim e André Luiz Mesquita. E práticas artivistas como as pesquisas de Júlia G. Silva Oliveira e R. Segurado.

É importante ressaltar a importância e reflexões provocadas por uma Ciência Feminista e como essa metodologia, historicamente, reconfigurou o campo acadêmico ao questionar a noção de “autoria” e “imparcialidade”, permitindo que múltiplas reflexões se tornassem presentes enquanto campo teórico de importância e como vem contribuindo para o rearranjo no que toca as formas de se pensar e fazer pesquisa. É importante ressaltar a importância e reflexões provocadas por uma Ciência Feminista e como essa metodologia, historicamente, reconfigurou o campo acadêmico ao questionar a noção de “autoria” e “imparcialidade”, permitindo que múltiplas reflexões se tornassem presentes enquanto campo teórico de importância e como vem contribuindo para o rearranjo no que toca as formas de se pensar e fazer pesquisa.

Esse fenômeno vem acontecendo desde metade do século XX quando se inicia o questionamento sobre as premissas de “verdade” calcadas no método científico tradicional, pois “chegou-se a conclusão de que não há verdades absolutas a serem buscadas e o conhecimento passou a ser visto como plural e contextual” (ROCHA-COUTINHO, 2006, p 66) possibilitando a construção de novas abordagens e que diversas vozes possam aparecer no processo de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero.

elaboração do conhecimento. Assim como questionar a própria autoria, desmistificando o mito da neutralidade e imparcialidade no fazer científico.

A mesma estrutura de reflexão crítica pode ser feita quando se pensa a complexidade da categoria “gênero” ao tomar como sujeito o objeto da mulher universal como agente de um pensamento que representaria a vivência de todas as mulheres.

UMA PROSA SOBRE SOM DAS BINHA ²

Som das Binhas é uma Ciranda Sonora formada por mulheres que possuem uma trajetória profissional dentro do mercado ou estudo musical. Organizam Jam's³ com apresentações itinerantes e abertos para qualquer compositora (seja instrumentista, artista, poetisa, dançarina, e outras, contanto que o conteúdo seja de autoria feminina) que queira apresentar sua produção autoral ou composição de outras mulheres. A ideia de formar um repertório de compositoras sinaliza as trocas-afetivas-musicais para a fomentação de trabalhos criados por mulheres. A iniciativa de Salvador, Bahia, tem como objetivo criar

espaços de aprendizado e trocas musicais longe das experiências machista.

A iniciativa surge em 2016 onde se apresentaram em diversos locais da cidade, seja em teatros, terreiros, ocupações, casas de shows e entre outros. Em entrevista realizada com Ana Luisa Barral, uma das membras do grupo, ela conta como essa iniciativa surgiu:

Então... uma coisa legal de ressaltar é que o Som das Binha e o Sonora nasceram do mesmo lugar. Eles nasceram da hashtag #mulherescriando, que foi a Déa Mussolini que criou e isso que eu achei incrível. A Déa Mussolini é uma compositora excelente, parceira maravilhosa. E aí ela entrou em contato com um coletivo de mulheres. Ela ficou durante meses entrando em contato em rede com várias mulheres do Brasil inteiro pra, no dia 1º de fevereiro a gente lançou a hashtag #mulherescriando com um vídeo de uma música autoral. Cada uma fazendo isso. Aí um dia a gente conseguiu 600 vídeos, no primeiro dia. Aí no segundo dia foram se seguindo, até hoje tem gente que bota. (Entrevista realizada no dia 25/09/2017)

² “Semente boa” é nome da composição de Minuska. O refrão é cantado, em ciranda, nas apresentações do Som das Binha: Eu vim do corpo da minha mãe/ Ela me deu semente boa /Nutriu meu corpo /Espalhou bênçãos / Sou Plantadeira de semente boa.

³ Tocar a partir da improvisação, sem saber o que vem pela frente. No Brasil, é popularmente é conhecido como “dar uma canja”.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Complementa explicando que repassou a informação para cerca de 80 pessoas de sua rede social e que no decorrer da semana, várias compositoras a pararam no meio do caminho e relatavam que preferiam tocar do que fazer vídeo para internet. Neste momento ela percebeu uma demanda local que era: as mulheres querem tocar!

E do lado de cá a gente conversando de que, a gente tem tantos vídeos assim, o que que a gente vai fazer com tudo isso? Aí São Paulo disse “eu acho que a gente tinha que ter um festival”, o Rio de Janeiro, “ah, se tiver um festival o Rio tá dentro”, e aí ó, “se tiver festival Salvador também tá dentro”... E aí começou o Sonora nessas quatro cidades. (Entrevista realizada no dia 25/09/2017)

O resultado: enquanto algumas cidades do Brasil estavam se organizando para organizar o Sonora, concomitantemente o Som das Binha estava nascendo. E dentro de um projeto unificado que envolveu a auto-organização dessas compositoras, elas iniciam uma jornada de comunicação/produção/ensaios entre conhecidas e amigas.

E assim, no dia 13 de março de 2016 elas iniciam a jornada no Cronópios⁴ que se seguiu

para mais duas apresentações naquele mês. E no decorrer que iam ganhando o gosto e ouvido das pessoas, foram sendo convidadas para apresentarem em outros ambientes fora do local tradicional de apresentações.

Também foi em 2016 que acompanhei algumas das apresentações onde uma boa parte delas são as que estão presentes no documento. E aquelas mais descritivas são as que participei enquanto fotógrafa ou videomaker.

Uma delas que é importante dar destaque foi a que aconteceu em março de 2016 durante a programação do “Março Mulher Gantois”, no Terreiro Ilê Iyá Omin Axé Iyamassê, mais conhecido como Terreiro de Mãe Menininha do Gantois. A iniciativa aconteceu a convite do próprio Terreiro a partir de uma iniciativa da Associação de São Jorge Ebé Oxossi, por meio da presidente e Iyalorixá Carmen Oliveira da Silva e do Memorial Mãe Menininha do Gantois.

A Casa foi fundado em 1849, por Maria Júlia da Conceição Nazareth e é considerado um elemento de preservação e perpetuação da memória e tradição cultural da Bahia e do Brasil. Um espaço sagrado que guarda as

⁴ Registro em vídeo:
<https://www.youtube.com/watch?v=tApLuBZT7xg>.
Acessado em 21/08/2018



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

diversas expressões religiosas a partir da manutenção de costumes, preservação de santuários que contam a história dos legados milenares dos povos *Iorubá* e resguardando o culto aos Orixás. Assim como acontece em outros terreiros, a Casa também segue a tradição matriarcal onde as dirigentes são do sexo feminino e obedecendo aos critérios de hereditariedade e consanguinidade.



(Som das Binha após apresentação. Arquivo pessoal)

Como se tratava de uma programação do Mês da Mulher, havia um cuidado de tratar as simbologias das *Yabás* (orixás femininos) com mais requinte. Então, pela parede podia-se ver imagens, desenhos e esculturas das várias representações dessas entidades em volta do barracão.

Naquele dia, o local estava decorado com enfeites de cores branco e amarelo. As cores em amarelo simbolizavam a entidade Oxum, orixá que reina nas águas doces (rios, fontes e cachoeiras), sua imagem é de uma mulher que carrega um espelho, conhecido como *abebé*.

A interpretação mais popular sobre essa Orixá, a descreve como símbolo de vaidade, beleza física e narcisismo. As leituras deste arquétipo ainda estão muito voltadas ao pensamento anglo-saxônico, que carrega em sua bagagem o mito de Narciso apaixonado pela sua própria imagem e morre em nome de si. Como se trata de um conhecimento africano, há um simbolismo maior por trás do *abebé* que ela carrega e tem a ver com fonte de reconhecimento. Pois ao olhar para o espelho, enxerga os outros as suas costas. E sem olhar para si, não se pode olhar para os outros com respeito e bondade como é característica dela.

Farei uma descrição da parte onde aconteceu a apresentação porque foi onde pudemos ter acesso. Como se trata de uma comunidade religiosa, alguns espaços apenas são acessados por membros deste culto.

Logo na entrada da Casa há um grande salão retangular (conhecido como barracão) onde acontecem as cerimônias e festas públicas. Durante as apresentações, homens e mulheres ficam em locais separados. Portanto, do lado direito de quem entra no ambiente estão separadas cadeiras para os homens e do lado esquerdo ficam as mulheres. O centro apenas é acessado com permissão de alguém do local,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

pois é onde está assentada a entidade da Casa (Orixá ou guia espiritual).

E logo em frente, ainda na perspectiva de quem entra na Casa, é onde fica a Mãe Carmem, atual sacerdotisa do Gantois, sentada numa cadeira. Ao seu redor está construído uma estrutura própria, com o desenho de uma Yemanjá na parede, como uma espécie de altar. Era uma apresentação muito importante para várias das Binha que iam participar pela própria simbologia do terreiro e a importância daquele local para suas composições e nas suas vidas.



(Instrumentos decorados com cores da orixá Oxum. Arquivo pessoal)

Como explica Zinha no trecho a seguir:

Achei fundamental aquela construção, uma anda só de Mulheres ocupar o terreiro. Partindo do pressuposto que apenas homens ocupem tal espaço também na condição de tocador ("músico"). Foi uma representatividade, uma significância e um

marco para aquele Coletivo... Para mim, experiência necessária como musicista negra. Levar a música de forma abrangente para o Gantois foi no mínimo ousado.

As Binha se organizaram em blocos: mais próximas do altar estavam instrumentos de sopro e corda. Ao centro estavam as vozes e a percussão vinha logo em seguida, próxima da cadeira onde os homens estavam sentados.

Uma parede de mulheres, em sua grande maioria negras, tocando atabaque no Terreiro. Essa é a imagem que me fica colada na memória porque é preciso pensar o candomblé como sistema político. Portanto, quando as Binha se juntam com outras mulheres do Gantois para tomar esse instrumento tão voltado para universo masculino, elas estão (re)inventando a história que tem contado que mulher não sabe tocar percussão. Mesmo que esse seja um primeiro passo, elas ainda não podem tocar os atabaques nas cerimônias e muito menos chegar perto dos instrumentos sagrados do candomblé. O Projeto *Rum Alagbê*⁵, ministrado pelo professor, percussionista profissional e Alagbê do terreiro, Iuri Passos, vem mudando esse quadro e permitindo que meninas e mulheres também tenham acesso à esse conhecimento

⁵ O Projeto foi fundado em 2001, e desde então vem realizando um trabalho de ensinar as mulheres do Terreiro a tocar os instrumentos sagrados.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

historicamente voltado ao universo masculino e reconfigurando o sistema de gênero na casa.

Sobre isso, Iuri infere que a grande busca de mulheres por esse instrumento, mais que a dos homens, se dá pelo fato dos meninos já entenderem que o acesso a esses instrumentos sempre estará à disposição deles. Enquanto as mulheres preferem por aproveitar a oportunidade por saberem das limitações do atabaque em suas vidas.

Só que na prática as coisas não são bem assim: ao longo dos anos tenho visto o avanço das meninas e mulheres, e com isso já constatei que elas são muito mais rápidas no aprendizado dos ritmos do candomblé. Para mim, o curioso é justamente que muitas delas não são do candomblé, muitas vêm apenas para as aulas e depois vão embora e não permanecem no contexto. E quando se analisa a música do candomblé, ela tem todo um contexto que envolve cantos e danças, que possibilita com que se entenda essa cultura, desta forma é quase impossível de se compreender somente com aulas, mais as meninas e mulheres ultrapassam essa etapa, de um jeito natural, intuitivo, como se elas estivessem inseridas no âmbito do candomblé. (BARROS, 2016, p.8)

⁶ Mestras do saber é a primeira ação do núcleo artístico Xirê Yabá - espaço feminino de aprendizagem, difusão, criação e produção artística tendo a música como pilar e foco no tambor e cantos sagrados das matrizes afrobrasileiras e indígenas - criado na intenção de honrar, agradecer, fortalecer

Vale destacar ainda que, em Salvador, outras iniciativas têm surgido para incentivar o acesso das mulheres ao atabaque. Recentemente a cidade recebeu o projeto "Mestras do Saber"⁶ que visa difundir o legado musical das mestras das culturas populares brasileiras através dos tambores e dos cantos sagrados. O projeto realizou um ciclo de oficinas para quinze mulheres de diferentes comunidades e todo o conteúdo produzido nessas oficinas está disponível para livre acesso no canal do projeto no You Tube⁷.



(Mulheres também tocam atabaque. Arquivo pessoal)

Até o momento que realizei o campo, o Som das Binha se apresentava de forma itinerante, não possuindo um repertório previamente estabelecido, pois a dinâmica era estar aberta para receber novas artistas que quisessem se apresentar naquele dia. Também se

e respeitar os conhecimentos ancestrais protegidos pelas mestras das culturas brasileiras.

⁷ Ver site: <https://www.mestrasdosaber.com.br> . Acessado em 22/08/2018.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

apresentaram em vários locais onde a dinâmica de apresentação mudava a depender do ambiente. Para mim, enquanto pesquisadora, era sempre uma surpresa, pois tinha que lidar com o imprevisto e sempre com novas demandas.

É importante ressaltar que nas apresentações do Som das Binhas, assim como nos outros eventos, o público era formado majoritariamente por mulheres. Esse dado traz elementos para pensar que mesmo que os eventos estejam abertos para todos os públicos, os homens não se mostram pré-dispostos a estar presente.

Uma análise antecipada sobre a formação dessas organizações artísticas-criativas formadas exclusivamente por mulheres, nos dá indícios para inferir que essa demanda acontece como consequência de experiências anteriores de machismos e outras relações de poder que atravessaram as trajetórias profissionais e de vida dessas mulheres.

Isso acontece porque a história da música é comumente cantada e contado por homens e sobre homens fazendo com que eles se tornem percussores e descobridores desse conhecimento. Assim deixando de lado as produções das mulheres e invisibilizando suas trajetórias.

Compreende-se a música como um espaço de fala constituído dentro de um campo simbólico, imaginário e ideológicos na expressão e produção de identidades. Uma manifestação cultural que carrega os anseios e demandas de quem a produz, caracterizado por códigos de gênero, sexualidade, raça/etnia, geração e classe social.

A música foi um dos poucos espaços que o negro brasileiro, segregado da cultura dominante da elite branca, encontrou para sua expressão. Este meio, além de representar uma expressão artística de extrema importância, está diretamente ligado à propagação, aceitação e legitimação da cultura negra na diáspora (LIMA, 2016, p. 46)

Recentes estudos e matérias sobre histórias de compositoras, assim como análises de suas obras, acabam resgando uma história não oficial, demonstrando que as mulheres sempre estiveram presentes dentro do campo musical e que muitas não receberam o devido reconhecimento de seu trabalho, deixando uma trajetória ainda à ser contada e cantada.

CONCLUSÃO

Compreende-se as iniciativas do Som das Binha como movimentos políticos de compositoras advindo de uma produção



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Dilemas e Cãmaras

poética-sonora, em busca uma proposta alternativa à invisibilidade e ao silenciamento de mulheres enquanto criadoras.

Acredita-se que essas iniciativas reforçam a importância da reivindicação de mulheres como autoras de suas próprias criações e da necessidade dessa divulgação como manutenção da (re)existência das mesmas. São importantes estratégias no processo de reconhecimento e interação entre as compositoras na medida que elas constroem um lugar de identificação e segurança.

Trazer as mobilizações para o centro da reflexão, enquanto prática coletiva, nos dá margem para pensar como a autogestão é um importante instrumento de uma produção poética-sonora, em que se busca uma proposta alternativa à invisibilidade e ao silenciamento de mulheres enquanto criadoras.

Desmistificando o mito das mulheres enquanto concorrentes e em constante disputa e como mostrar a musicalidade como prática ativista e como local de fala e ação política. Este tema é de grande relevância pois há um abismo que separa as musicistas do papel de compositoras pois dificilmente as mulheres são pensadas enquanto pessoas que criam.

REFERÊNCIA

BARROS, I. R. P. . ELAS PODEM TOCAR ATABAQUES ?. EDIÇÃO 2016 2013 XII ENECULT , v. 1, p. 11, 2016.

LIMA, M. S. . MULHERES NEGRAS NA MÚSICA BRASILEIRA: ESTÉTICAS, IDENTIDADES E DISCURSOS DE CANTORAS CONTEMPORÂNEAS. 1. ed. Vila Velha: Editora Praia, 2016.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2006, vol.11, n.1, pp.65-69.

ROSA, Laila.; SANTOS, B. ; Lima, Cristiane ; VIEIRA, T. ; CARVALHO, E. ; Lago, Jorgete . COMPONDO TRILHAS PARA A CONSTRUÇÃO DE EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS EM MÚSICA NO BRASIL. 1ed.Campina Grande: Realize Eventos Científicos e Editora, 2016